

Ronei Baldissera

ANDANÇAS

Poemas

Espaço ParaLlelo

Ronei Baldissera

AN DANÇAS

Poemas

1ª. edição

Chapecó

Espaço ParaLLelo

2020

*Para
Rosana*

Na constância de ti eis me aqui

Cadê a Deusa?

Quem são essas fêmeas
Com desejos de boneca?
Injeções, infecções, inflações
Bonecas borrachas
Se jogam na caixa
E se esfregam
Isqueiro em ação
Derrete a ilusão

O resultado do tempo
É o efeito do fogo

A língua

A língua legitima a linguagem
E morre depois de novo
O significado já não é
A projeção aquela, mas
Outra
Engolida,
Mastigada,
Digerida,
Às vezes, cuspida
Mas sempre voltada
Nas idas-e-vindas
Da realidade
Agora sou
O cuspidor de mim.

Poesia autofágica

"Poesia é o ser em movimento..."

"Poesia é o ser..."

"Poesia é o..."

"Poesia é..."

"Poesia..."

"Poes..."

"Poe..."

"Po..."

"P..."

"..."

"..."

"..."

"..."



Autoconhecimento

Por que essa falta de paciência?

Tens um quê

de blassé

Esse esnobe disfarçado na

Ausência de palavras

Havia razão na observação

Que fazias das pessoas e suas tagarelices?

A insegurança cria

A necessidade de autoafirmação

E segues, nessa batida estarecida

E a estaca penetra cada vez mais

O esterno

E mata dengosa o amor

Baby

Baby, cola

Baby cola

Cala, abala

A bala cola

No céu

Suspenso

Isola a cola

Aspira gotas

Neo químicas

Transbala mental

Baby, me cola!

Agora

Fui...

Plasma palavra

Desliza carbono na celulose

Plasma a palavra ferro

O preto borra o branco

Uma sujeira, um cisco

Rabiscados traços

No olho lânguido

Plasmando sonhos de versos

O passado do devir

Na brisa suave matinal
Janelas olhando o mundo
Lá fora movimentos de fundo
E o ar aqui dentro
Leve leva a mente
Outras lembranças
Do que fui
Remontam o que sou
Acariciam aquela parte de mim
Indelével
Que permanece
Na impermanência constante
Do devir

Um passo além

E a beira do abismo
Se aproxima
Cada vez mais
E mais
E mais
E mais

E...
Onde está mesmo?

E lá vem ela, de novo
A beira do abismo
Se aproxima
Cada vez mais
E mais...

E...

Onde?

Quero eu

Eu me quero
Com minhas letras misturadas
Em palavras livres

Eu me quero
Deslizando a pena no papel
E sonhando

Sonhos de mim mesmo

Eu me quero
Livre
Comigo mesmo
E todo o resto da existência

A deslizar ruidosamente baixinho
Nos sulcos da vida
Entre gritos e silêncios

Eu me quero
Com minhas dúvidas
Sem nenhuma certeza

Enquanto aprendes a ganhar
Eu quero aprender a viver!

Eu me quero

Em ti, transeunte ilusório
Do fluxo de minha memória
O que já foi... e ainda é
E o que será... e ainda é

Na ponte para Tannhauser
Eu robô vomito impropérios
Dignos de ninguém

Quem segura o leme dessa nau espacial?

Eu me quero
Fragmentado e inteiro
De tudo que vale a pena

Enquanto aprendes a ilusão
Eu quero aprender a verdade...

Caótica paz

Eu não vim trazer a tranquilidade
Para teus ossos
Tua paz é só tua

Eu vim trazer o caos
De tuas certezas

Se quer paz, procura o teu silêncio
Porque eu sou tempestade
A ventania que destrói
Estruturas
Soltas
Podres
Decrépitas
Certezas que tens
E que julgas verdades

Mas são apenas tua ilusão

Eu venho para destruí-las
Eu sou o silêncio sepulcral
Do teu eu mais profundo

Ali, naquele lugar que se desnuda
Onde o ego sucumbe
E o anjo ascende virginal

Ser ou ter?

Estimula o quem

Quer ter

Ser não

Ser machuca

Ser desnuda

Ser açoita

A ilusão

Que se vá

Estimula o quem

Quer ser e

Leve, como leve

Muito leve, leve

Avoa quem quer

Avoar

Vem, querer ser comigo

Amanhã é tarde

Hoje urge

Na calçada reflexo

Brilha na poça d'água

Letreiro neon brilhante

Surge

Quem quer ser

Camaleão de mim mesmo

Devoro-me e quem

Quer que venha

Banquetear-se de mim
Eu todo
Nem mais, nem menos
Só a medida da fome de verdade

Capa de livro (resquício de outros tempos)

Ondas imundas mudas

Lentas vagas

Passam

À toa

Lá

Reinocídio *black power*

Eu e tu

Just a little fuck

Baby, again

Rock and roll

E a arma palavra

Desarma a alma

Nua na tua casa

Jazia uma promessa

Vazia de persistência

Nua na minha casa

Nevermore

Baby, de novo

Rock and roll?

Nunca mais *again*

Vida recorrente

Eu quero é o pesadelo
Da vida desbragada

O sonhar eles macularam
Com sua propaganda
O sonho virou produto
De vendas no atacado

Venha tempestade
Quero a vida plena
De todos pesadelos
A bonança vem depois

Mas é muito chata!
O que me define é mesmo
Estar no furacão e na brisa
Simplesmente estar

E olhar
O ser desabrochar

Quero vida!

Condor

Vai voar condor
Volta depois
Me conta dos teus segredos
Me conta da imensidão
Das montanhas, dos vales
Dos rios e dos campos

Vai voar meu amigo
Volta depois
Vem me levar contigo
Quando meu corpo
Finalmente perecer
E minh'alma se libertar
Vem, amigo
Me leva contigo
Nesse voo eterno
Ao infinito

Sou

Com gratidão

Sou gratidão

Com o resto

Sou não

Pendo

O pêndulo é silêncio
Mais perto do centro
Da Terra

Desesperança

E quando estivermos
Frente à frente com o cano fumegante
Da nossa própria amargura bolorenta
Fúngica daquela coisa pegajosa
E úmida, a excrescência final
De um poço inerte
Onde só moscas verdes com olhos cintilantes
Se atrevem a pousar

Eu só vou te caçar
Te usar para me lambuzar
No teu medo, na tua diferença
Desafio da minha mesmice
Eu sou tão mais tudo
Que rastejo entre espinhos
Com a língua de fora
A captar teu medo, tua diferença
Tua alma, não a mostres!
Não ouse mostrá-la, nem sequer um dedinho
Eu sou o devorador de almas
Quero tudo igual a mim
A pobreza da humanidade

Nada pode ser feliz ou autêntico
Ou expressar-se como quiser
Porque, aqui, só há de haver
A colossal existência da morte

Mudez

**A linguagem cala
Na fala do silêncio**

Dorme traça afinal

Luz oblíqua no jardim
Sem tempo o vento
Deita a lâmina verde
Vergando parte de mim

Meia estação inteira
Se aproveita da confusão
Da briga das mangas de pano
E no guarda-roupa espreita

A proteção da naftalina
Levou o tempo para
Arrefecer o apetite da traça
Prata pontuda e cristalina

Vai agora dormir afinal
Sob o vento gelado
No fundo do armário
O sono invernal

Sozinho entre lençóis (resquício de outros tempos)

Esse momento que assola
Da memória que não é
Um devir incerto sem ela
E lágrimas rolam até meu pé

Encharcam o lençol triste
Da noite estrada firme
Do tempo que não existe
Somente na mente sublime

Vazio de alma no aposento
Pesado suor nervoso inefável
Gira o vazio cata-vento

E o relógio esticado no ar
Trava todo novo desejo
Que libertar-se-á ao navegar

Obrigações

Luz oblíqua se deita
No vento se movimenta
Ausente do olhar
Aquela seita
De mentes
Mentirosas
A confusão é
 muita
Tanta
Que barra
 Até o poetar
 Do poeta

Viver incerto

Sei lá
São tantas certezas
Certas opiniões
Sobre tudo que parece incerto
Que o espaço para a descoberta
Queda sepulto
E a brincadeira de viver
Perde a graça

Fake vida

É tanta importância
para o que é desimportante
uma mentira contada
mil vezes
vira verdade
e a vida vira *fake*

Multa adrenalina

Então, tem tempo

Até setembro

E, quando chegar esse templo

De um radioso

E vivo dourado primaveril

Estarás atenta e desperta

No teu tempo

Outra tu lá estará

Viva e pujante

Deixa desabrochar teu tempo

E vive... hoje

O filho do homem

O filho do homem
Quem é hoje, esse filho?
Filho do pedreiro
Filho do padeiro
Filho do maconheiro
Filho do cheirador
Filho do empresário
Filho do otário
Filho do Padre
Filho da puta
Filho do político
Filho do polícia
Filho do bandido
Filho do mal
Filho do bem
Filho do neutro

Quem você mandaria matar hoje?
Sempre o filho do outro

Um tempo estranho

Em que tudo é muito
E tudo é muito pouco
Mas a bala é sempre a bala
Embrulhada de presente
Para o negro pobre é remédio
Para o branco pobre é remedinho
Para o branco gravata é o horror
Para mim é sempre a bala
Com nome e endereço
Do puxador do gatilho
A bala é palavra
A bala é ação
A bala é o olhar
Distante da desumanização

Greve (amor)

Quero beber tudo

Como o motor bebe gasolina

Quero beber

Tudo que me excita

Tudo que me apaixona

Quero beber-te

Amor

Ser produto

Ser sim, ser não
Ser humano
Não gera riqueza
Ser produto
Sim

Ser humano
Liberta
Ser produto
Não

Vida zumbi

Que não nos entreguemos
À monotonia da vida fácil
Da vida zumbi
Da vida morta
Que vivamos a vida surpresa
A vida frio na barriga
A vida que mexe
Que instiga
Que ama e é amada
Que vive, afinal!

Cansaço

Às vezes, cansa pensar
Demais
Criar teses para tudo
Que vive aparentemente
Sem sentido

Às vezes, vale viver
Simplesmente
O sentido próprio
Da vida

Às vezes, silenciar
É reverenciar
O que não podemos
Dar sentido

Às vezes, somente
Ser
Dá sentido
Ao que parece não ter

Às vezes, descer do pedestal
Da pretensão de tudo querer
Saber
Coloca o mundo no lugar
E nos coloca no sentido
Dele mesmo
Aparentemente, sem sentido

Para nós

Panças agitadas

E eles estão sempre lá
Com suas risadas
Panças palhaças
Canapés *light*

Olhos vermelhos
Inchados de inveja
Querendo aquilo tudo
Aplauso e reconhecimento
Pelo nada que fazem
Pelo tudo que tem

Nada que valha a pena
Tudo que seja mais
Tudo que seja
Que te dá prazer
Que te dá semelhança
Com o poder

Que te faz querer
O horror escolher
Pela família e pela propriedade
E pela sobriedade
E pelos bons costumes

Pelos bons costumes
Das pernas abertas
Da puta infeliz

Que conta os trocados
E se diz feliz

Kalashnikov (um *funk* potencial)

E vai rolar então?

Não, não

Não são as pedras

Essas já rolaram

Vai rolar a minha Kalashnikov

Kalashnikov, Kalashnikov

Último tipo, pode ser usada

Ou nova

Mas vai rolar, ah vai

Minha Kalashnikov 47

47 boçais vou terminar

Quando eu mirar

Com a minha

Kalashnikov, Kalashnikov

Último tipo, pode ser usada

Ou nova

Não importa

Mas vai rolar, ah vai

A cabeça vai rolar

Com a minha Kalashnikov

Último tipo, modelo exclusivo

Vai rolar

Quando eu apertar o gatilho

Vai rolar
Cabeças vão rolar

Nas flores que vou atirar
Nos beijos que vou dar
No amor que vou espalhar
Com a minha
Kalashnikov, Kalashnikov

Modelo sem par
Na escuridão ímpar
Do teu pensar
Kalashnikov eu vou comprar

E um arco-íris vou espalhar
Cabeças vão rolar
De tanto amar
Vem comigo comprar
Kalashnikov, Kalashnikov

Equilíbrio pontuado

No caso, tem o horário e o dia imprevisíveis...
O não-controlar pira a cabeça de nós tudo
O controle do botão
Suor escorrendo gelado na fronte grudenta.

Controle da ilusão
O supremo bufão
Ri da vida
Se esbalda em glotonisses despudoradas
Projeta a infância ignóbil forjada na evolução
Microevolução - microcérebro

E haja paciência no passar-tempo
Movimento de iluminar o sexo
O lugar mais desejado do mundo!
Entre as pernas da saciedade do desejo
Eu, eu e eu
Meu, meu e meu
E la nave va
Microevolução

Vem vidente previsão de ti, João, o apóstolo
Que Gould possa, enfim, ter gozada sua
macroevolução
Equilíbrios pontuados em falsos micro-movimentos
Sai daqui nulidade adaptativa

Restarei eu?

Eu, eu e eu.
Meu, meu e meu.

Morre, bastardo.
Para poder viver, morre!

Encontro desconhecido

Me arrasto nesse calor
Que gela meus pensamentos
E amolece músculos
Levanto a cabeça
Para ver reflexos
Outros eus, que caminham
Igual
Um pé depois do outro
Onde irão?
Alguns com pressa, outros vagarosamente
Vão para um lugar que existe
Somente em seus desejos

Mas, ninguém, realmente
Vai ao encontro de seus desejos
Vão ao encontro dos desejos alheios
Vendidos como seus

E caminhando, eu vou também
A um encontro às cegas
Em um lugar secreto
Com um desconhecido
Mas vou!
Afinal, que me resta, além de continuar?

Vida de gado

Seus "likes"
Só reforçam você
E suas ideias
E a dos seus seguidores
Seu umbigo continua no mesmo lugar...
Que em se tratando de Universo
É lugar nenhum

Balangandãs rebolantes
E suas ideias mirabolantes
Sobre o mundo que você
Acha que conhece
Só conhece teu passo
Atrasado e ligeiro
Que te leva pra algum lugar
Seguro
Que são tuas ideias
E dos seus seguidores
E feliz tu vais
Como boa vaca
Pro abate
Sorria

Tope da serra

1796 m...

Quase rarefeito

No ar da Terra

Suspira e voa

Voa, voa

Cadê tuas asas?

No core

No centro

Dentro

De eu

Que sou o ar

Rarefeito de leveza

Voa, voa, voa

Vem comigo

Te levarei ao mundo

Encantado, canta o silêncio

Cerra os olhos

E vê, e voa

Avoa pra dentro de tudo

Plana no nada

Me ama, Terra

Mãe

Vias de acesso

E o sistema está desesperado

E a gente está relaxado

Deixe que se autodigiram

A ilusão é um dos caminhos...

O único que possui vários deles

A verdade só possui um caminho

Mas permite que se transite por todos eles

Trago de escuridão

Aí

Pois é...

Mas e o cara que tá pensando em comprar uma arma
aí

Sair por aí

Dar uns tiros por aí

Gastar uma grana e não poder usar aí, pô?

Libera a caça aí pra nós

Que temos grana pra comprar uma arma aí

Macacos pelados abastados e literados

Na arte do estrago

Trago aí

Uns goles de escuridão...

Vai um trago?

Me dá a garrafa logo de uma vez!

“Que o que eu como a prato pleno

Bem pode ser o seu veneno.”

Campos Elíseos

O que "todo" mundo tá falando
Eu não sei...
Eu sei o que eu tô vivendo
E la nave vá
Diria Federico.

A deles, sem eu dentro
Que quem tá no leme
Não merece meu respeito

As paragens que visito
Eu mesmo crio

Quase fim

E um dia
Teu sorriso se foi
Teu semblante endureceu
Teu olhar afiou
E meu ser estremeceu

No desespero do que fazer
Ou não

E tuas perguntas
Se transformaram
Em retórica
Que tu mesma respondia
Com teorias de conspiração
Eles, os outros
Te roubaram, violentaram
E justificaram tua fúria
Comigo

Virei teu inimigo
Virei eles
O mundo virou eles
E tudo se transformou
Na guerra

E eu me desesperei
Pela segunda vez

E minhas palavras eram enfrentamento
E meu silêncio era indiferença

E tua boca tremeu
E teu corpo ficou irrequieto
E eu me desesperei ainda
Mais uma vez

Quando me disseste
"Vai embora" de novo
Fui, e estou
Aqui

Espelho refletido de ti mesma
Quando recebe ternura
Reflete ternura
Mas que não pode
Refleti-la se recebe
Ira e desespero

E a imagem escurece
E reflete o vazio

Dá-me o caos
E ele cai no vazio
Dá-me uma flor
E ela desabrochará

Mas, me disseste
"Vai", e fui

E estou aqui

Lamentável mente

Se eu fosse fraco
Facilmente adornado nessa vida
Talvez esse ano me causasse temor
Mas, para quem passou passeando
Pelas dificuldades da escassez
Da negação e do escárnio
Esse ano me ensinou
Que as aparências de lugares onde não me querem
verdadeiro
Pouco meu eu pertence
Nesses ninhos eu não preciso ficar
E meu ser é criatura buscando crescer
Sempre
Lamentar é deixar escorrer o tempo
De buscar a Verdade

On vacation

De férias eternas
Vive o presente dia-a-dia

Um tanto de mente se foi
Demente que estava com tanto lixo
Preocupações sem sentido de um devir
Esplendoroso de nada, um vazio
De tudo que tem alma
Riqueza de tudo que tem orgulho
Que enche o peito e arrebita a bunda
E se pavoneia entre os seus pares
Contando letras com números
De um ranking desumano que dá o mérito
Devido ao que é inútil
Sem alma

Ressentimento?
Talvez, talvez um ressentimento comigo mesmo
Por ter aceitado a ilusão e rejeitado a busca
Cego pelo sucesso e pela grana
Eu enganei a todos e a todas
E, de quebra, ganhei letras e números polposos
Mas isso não é mais a ignomínia que era
Demente delírio de mente aflita

Hoje, a mente tem espaço fértil
Até para praticar o que antes era ignóbil
Com um prazer infantil e lindo

Com prazer, enfim
Sem o jugo do mérito obrigatório

RoRo BaBa

Enquanto vocês dormiam
De um sonho profundo
Dali logo em diante
Eu vim

E o quê? No final
O quê?
Tanto leva e traz por aqui
Que tudo é um pouco

Mais de lugar andante
Enviado flores coloridas
De lugares à frente
Eu vim e lá

Lá vida vai vívida
Cada vez mais luminosa
Eu vim e lá
Depois de tudo

Somos mente
os mente
Somem mentes

Eu vim de lá
Bada Balds lugar
De acento livre
Que se ocupa

Não lembro mais...

Queres navegar?
Sementes!

No meu bolso elas estão
E pelas minhas unhas
Se vão rumo ao chão
Que tudo que tenho é

Fim de luto
Afinal a morte é limitada
Pela linha
Lâmina vil tortuosa

No limite do micrômetro
Até mais além
No infinito minúsculo
Corpo

Amenidades

Depois da paulada
Amenidades
Uma balada
Baladinha safada
Para ninar a consciência
E voltar à vida
Automática
Mente

Ver, ver, ver
Vitrines cheias de morte
Das aves do paraíso
O Éden perdido
De Deus, que esperto
Expulsou seu rebento
Para o deserto do desejo
Árido alimento de nada
Do nada da alma lixo
Acumulado
Que importa dormir
Sonhar é melhor
Que viver a realidade

Amenidade
Me banha com tua escuridão
E me livra da solidão
Da vida vazia
Vazia de nada

Amenidades...

Figos à la creme

E então?

Finalmente, o encanto se perde

Como folhas ao vento

Como folhas podres de agrião

Estilhaçando-se ao vento quente

De um domingo qualquer

Figos com creme de leite

Na tigela, adocicam

O momento do amargor

Inevitável tensão dialética

Do amor

Armadilha dialética (provavelmente, tu serás pego...)

E o anti, antes
Era contra o anti, agora
Contra e abaixo
Proibido e diga não
Diga não, não, não
Negue o que antes, anti
Tu eras
Negue, negue, negue
Isole e afaste
Os que nunca chegarão
A entender tua preciosa lógica
De viver
Tu estás coberto de razão
Sei não...

Indeciframelmente nítido

Ojeriza-me a associação
Com isso ou aquilo
Se pensas que me conheces
Pensa melhor

Se pensas que vou pra lá
Logo volto para cá

Prefiro ser indecifrável
Para todos poderem me entender

Se vou pra um só lado
Minha canção fica perneta
Prefiro ser irreconhecível
Para todos poderem me perder

Palhaços intelectuais

Eu não agitei a pança
Com eles
No intervalo do almoço
Rindo de suas piadas
Sem graça

Rindo de seus escárnios
Dos desmandos alheios
Quando os desmandos
Nas suas próprias fuças
Passavam despercebidos

Eu não tomei cafezinho com eles
E lambi suas botas sujas
Dos lugares sórdidos
Onde eles andaram

Eu não fiquei de língua de fora
E não abanei meu rabinho
Feito cão adestrado
Quando falavam suas verdades
Do alto de suas pavonices

No fim, aquele não era meu lugar

Cientista espertalhão

O cientista do futuro
Está sempre atrás
Da telinha de seu *notebook*
Ele precisa digitar
Palavra por palavra
Letra por letra
Equação por equação
De seu moderno modelo de funcionamento do sistema

Avidamente, ininterruptamente
Ele se debruça sobre o teclado
O teclado da maçã ou o teclado da janela
Talvez a maçã seja melhor?
Ou a janela é melhor?
Ele não sabe
O que importa
É digitar, digitar, digitar
Tec, tec, tec, tec, uh!

Eureca, descobriu a verdade!
Mas, só que não
Porque isso lhe escapa
Sempre e toda vez
Lhe escapa entre os dedos
E isso o enfurece
Porque ele precisa ser o descobridor
Ele precisa ser aquele que desvendará
O segredo do Universo

Ele precisa ganhar a corrida

Ele precisa ser o A1...

Ele precisa

Ele precisa

Ele precisa

E a verdade lhe escapa entre os dedos

Sempre e toda vez

Matrioshkas

A alma
Ah, essa coisa
Que permeia tudo
Que não se vê
E se sente
Quando nada se vê
Do mundo lá fora.
Toda imperfeita perfeição
Se regozija a alma
De ser
Sem amarras
Sem julgamentos

Alma
Me canta
No teu encanto
Acalenta
Meu pranto
Alegre manifesto
Da minha vida
Em ti

Burn baby burn

Aquelas camisas
Me dadas em mentiras
Deslavadas de chavões
Sobre conhecimento
Hoje, me servem melhor
Como panos de chão...

A cala anto

Sim, calo
Porque falo
No ato que de fato
Me ata

Calo teu lado
Para ser
Tua outra palavra
No silêncio
Da fala
Calo

Independente, sempre!

**Se você acha que é
É o que você quer
Que eu seja
Eu sou não**

Eu escuridão

Às minhas amigas

Sombras

Teu tempo passou

De assombrar

Por minha autorização

Em pensamentos, emoções, atos e palavras

Agora

Eu te ofereço

A redenção

Na luz

Do Grande Mistério

Vem

Vem comigo

Ser Um novamente

Sois bem-vindas

Luz

Cheia, branca, inteira
Mãe, me alimenta
Me acalenta
Faz restar meus desejos
Em teus seios
De luz e paixão
Teu leite
Saciar minha fome
De mãe, de fêmea
Que eu sou

O silêncio
É a testemunha
Do movimento

Meus donos

Enterrei vários corpos
Cada um
Era uma parte de mim
Cada um me amou
E confiou
No meu amor
Hoje, eles me acompanham
E eu sei
Que os amei
Do meu jeito
Como deve ser
E eles nunca questionaram
Esse meu jeito
Esquecido
Egoísta
Eles me amaram do mesmo jeito

Aos meus cães, cadelas, gatos e gatas
Até nosso reencontro

Sou matilha
Sou o mundo